

1 APRESENTAÇÃO

Marcada pelo contraste social, a organização espacial urbana da terceira maior cidade do país revela, entre outras verdades, o quanto a desigualdade se expressa na configuração dos espaços. Em muitos bairros de Salvador, realidades distintas convivem no mesmo espaço físico, divididas apenas pelos muros imaginários da segregação sócio-econômica. Para contextualizar, podemos citar a comunidade da Baixa da Égua, localizada na Federação; o Inferninho, invasão incrustada no bairro do Costa Azul e o Calabar, cercado pela Barra, uma das áreas mais nobres da capital.

É seguindo o exemplo de várias metrópoles brasileiras que o crescimento urbano de Salvador impulsiona o redirecionamento da população mais carente para áreas periféricas, longe de empreendimentos modernos, voltados exclusivamente para o público de alto poder aquisitivo, e também dos locais que oferecem as melhores oportunidades de trabalho e lazer. Fácil de ser detectado, esse fenômeno implica em sérias questões que versam sobre a preservação do patrimônio histórico e ambiental e, principalmente, sobre a sobrevivência de formações culturais específicas, peças mais frágeis no jogo orquestrado pela lógica do capital.

Em última instância, é a população que sofre as conseqüências de decisões tomadas no âmbito dos poderes legislativo e executivo que, muitas vezes, são acusados de priorizar o poder econômico em detrimento do interesse público. Nesse contexto, as diretrizes estabelecidas pelo novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) abriram precedente para uma reconfiguração do espaço urbano de Salvador que avança sob protestos e resistência. Um exemplo dessa resistência é a comunidade da Vila Brandão que nasceu, há mais de sessenta anos, circundada pela vizinhança abastada dos bairros da Vitória, Graça e Barra. Lutando coletivamente contra sucessivas ameaças de desapropriação e resistindo em uma das regiões mais nobres da cidade, com privilégio de vista exclusiva para a Baía de Todos os Santos, índice de violência próximo de zero – com base em dados recolhidos junto à delegacia da Barra pela Associação de moradores – e, sem o conhecimento de boa parte da população soteropolitana, vivem cerca de 300 pessoas que, hoje, se empenham para que a Vila Brandão seja reconhecida oficialmente. Com esse reconhecimento, os moradores esperam que sejam resolvidos também a questão da propriedade da terra e os problemas crônicos que comprometem o bem-estar da comunidade, como a falta de coleta de lixo e de saneamento básico. Vale ressaltar que as dificuldades enfrentadas pelos moradores da Vila Brandão não são compartilhados com os vizinhos que vivem a poucos metros de distância,

nos bairros de classe média alta, onde falhas na infra-estrutura são corrigidas com bastante agilidade.

Desenvolvido na linguagem audiovisual, o documentário Vila Brandão foi realizado com a intenção de apresentar à cidade um registro da comunidade em questão, sobre a qual não se encontra acervo histórico. E foi através do estudo de campo, da coleta de dados e informações e da imersão na realidade da Vila, que a nossa pesquisa buscou compreender e documentar a relação estabelecida entre os habitantes da Vila Brandão e o espaço onde vivem. Em verdade, através do filme, tentamos mostrar que, para além de uma relação de funcionalidade com o local, os moradores construíram um vínculo identitário com a Vila, através do qual compartilham socialmente valores e uma cultura enquanto comunidade.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

O objetivo principal a ser atingido com o trabalho em questão é compreender e documentar a relação estabelecida entre os habitantes da Vila Brandão e o espaço em que vivem, levantando os principais aspectos que levam os seus moradores a se reconhecerem enquanto comunidade.

2.2 ESPECÍFICOS

1. Pautar os fatores que influenciam e atuam diretamente na construção da relação entre a Vila Brandão e seus moradores;
2. Buscar registros históricos junto aos órgãos competentes do governo municipal que documentem a ocupação dos terrenos da Vila Brandão;
3. Reconstruir a história da comunidade através dos relatos dos moradores locais;
4. Entender a compreensão que os próprios moradores têm acerca da conjuntura sócio-econômica na qual estão inseridos;
5. Investigar as relações de pressão e conflito vividas pelos moradores devido à localização da Vila Brandão e à convivência com uma vizinhança abastada.

2.3 OBJETO

Se o estudo busca abordar a relação estabelecida entre os moradores da Vila Brandão e o espaço em que vivem, o objeto de pesquisa a ser explorado são as histórias de vida presentes nesta comunidade.

3 JUSTIFICATIVA

Durante o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, a faculdade nos possibilitou experimentar diversos tipos de linguagens sob as quais a comunicação pode se estabelecer. Nesse sentido, as oficinas oferecidas a cada semestre serviram como laboratórios para a experimentação e o exercício de técnicas do impresso, da fotografia, do audiovisual e do online. Além do aprendizado diversificado, essas experiências contribuíram também para que identificássemos a linguagem com a qual temos maior afinidade, o audiovisual. Essa convicção, aliada à compreensão das possibilidades que o vídeo pode oferecer, direcionou a nossa opção por desenvolver, através de um produto audiovisual, o trabalho apresentado como avaliação final para a obtenção de diploma do curso.

A busca por um tema que nos despertasse interesse de pesquisa e, ao mesmo tempo, se mostrasse relevante enquanto contribuição para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral despertou a nossa atenção para o caso da Vila Brandão. No período em questão, a Vila tinha assumido lugar de destaque nos noticiários locais devido ao decreto de desapropriação publicado dia 20 de março de 2009, no Diário Oficial de Salvador. Desde então, a Vila Brandão, uma comunidade localizada numa das áreas mais valorizadas da capital baiana, e desconhecida pela maioria dos seus habitantes, tornou-se alvo de matérias que, por um lado, discutiam as conseqüências do novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e, por outro, se aprofundavam na questão específica daquela comunidade que corria o risco de sumir depois de 69 anos de história.

De imediato, nos interessamos pela abordagem mais aprofundada do caso, que mostrava a relação dos moradores com a Vila, as angústias e esperanças perante o desfecho do decreto de desapropriação e as peculiaridades do lugar: uma comunidade carente localizada em meio a bairros nobres como a Barra e a Graça e com baixos índices de violência. Todo esse material nos levou a acreditar que estávamos diante de um tema digno de pesquisa e documentação, que seria realizada por meio de um produto audiovisual apresentado como nosso trabalho de conclusão de curso. Outro fator decisivo para escolhermos a história da Vila como objeto de pesquisa se revelou quando, ao iniciarmos os trabalhos de coleta de dados, descobrimos que não havia registros oficiais na Prefeitura de Salvador que fizessem referência à história do lugar.

Desse modo, o esforço deste trabalho se concentra em registrar a história da Vila Brandão, assim como a dos moradores que participaram da formação desse lugar, com a intenção de contribuir para apresentar a Vila à comunidade soteropolitana, da qual, apesar do

desconhecimento quase geral, ela faz parte. Acreditamos, também, colaborar para a preservação de uma parte da história da cidade, que, até o momento, reside apenas na memória dos membros da Vila. Pretendemos estimular uma reflexão social acerca dos interesses envolvidos na disputa territorial da área na qual a Vila Brandão está inscrita, disputa essa que se tornou ameaça de extinção para a comunidade. Pensamos ser possível, ainda, contribuir para a desconstrução de uma visão típica do senso comum, que sempre associa pobreza à marginalidade e violência. Nesse sentido, o exemplo da Vila Brandão, onde os índices de criminalidade são considerados baixos, é de grande valor. Por fim, ao apresentar a Vila Brandão, via documentário, pretendemos colaborar para o seu reconhecimento enquanto comunidade, que partilha hábitos e modo de vida, na qual as identidades individuais estão intrinsecamente ligadas à identidade coletiva.

Distanciando-se do que é comum na construção da historiografia oficial, este registro não foi pautado na perspectiva dos vencedores – abastados financeira e politicamente – mas, sim, no olhar dos moradores da Vila Brandão. Se o objetivo é contar a história da Vila, deixamos que os próprios moradores o fizessem.

4 DELIMITAÇÃO DA QUESTÃO

A sanção, em 2008, do novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador tem estreita relação com as transformações enfrentadas, naquele período, pelo setor da construção civil. Impulsionada pela política de queda nas taxas de juros e pela fartura de recursos liberados pelo governo, o setor avançou de forma feroz na direção da promoção imobiliária na cidade para fins habitacionais, empresariais e turísticos, demandando terras e uma nova reconfiguração do espaço urbano. Sob forte oposição de diversos setores da sociedade civil, o novo PDDU foi aprovado, levantando uma série de protestos que apontavam o projeto como uma ameaça à infra-estrutura e à paisagem da capital.

Orientado pelo novo plano, o processo de reconfiguração do espaço urbano de Salvador segue também uma nova lógica, mas, esbarra em questões que vão muito além do capital, como as implicações sociais sobre comunidades localizadas na rota de desenvolvimento dos novos projetos que, obviamente, resistem em ceder o seu espaço. Foi nesse contexto que encontramos o objeto de estudo deste trabalho, a Vila Brandão.

Como citado anteriormente nesta memória, desde o início das pesquisas sobre o caso da Vila Brandão, as matérias veiculadas que mais chamaram a nossa atenção foram aquelas que revelaram as conseqüências das resoluções do PDDU e se aprofundaram nas implicações das desapropriações para a vida dos moradores locais. Em princípio, tomamos o decreto que instituiu a desapropriação da área na qual está inscrita a Vila Brandão como base para diversos questionamentos acerca da tensão latente entre riqueza e pobreza, da forma como se relacionam e do quanto a primeira se sobrepõe sobre a segunda; do crescente movimento de expulsão da população menos favorecida das áreas mais nobres da cidade; do significado que essa reconfiguração tem para a história daquela comunidade e, conseqüentemente, de toda a cidade; da compreensão que os próprios moradores locais têm desses fenômenos e do papel que eles acreditam ocupar nesse cenário. Diante de tais reflexões, nos deparamos com uma questão crucial, que definiria os rumos do nosso trabalho: qual enfoque daríamos ao documentário. Usaríamos o exemplo da Vila Brandão para realizar uma crítica ao modelo atual do plano diretor de Salvador ou, justamente o contrário, partiríamos de uma ação do PDDU para abordar um caso específico, o da Vila?

Interesse pelo tema e viabilidade de produção foram os fatores preponderantes para delimitarmos nosso objeto de estudo em torno das histórias de vida da Vila Brandão. Afinidade, pois, desde o primeiro contato, percebemos que se tratava de um lugar diferente, que fugia do estereótipo de comunidade carente, suburbana, assolada pela pobreza e violência.

Intrigou-nos descobrir que, mesmo localizada há mais de 60 anos entre áreas abastadas da cidade como Barra, Graça e Vitória, a Vila Brandão se mantém em quase total anonimato diante da população soteropolitana. Negligenciados pelo poder público, os moradores da Vila Brandão construíram uma história particular que passa longe do olhar do resto da cidade e, até o momento, não foi registrada oficialmente. Viabilidade, uma vez que reconhecemos as limitações de tempo, de recursos técnicos e financeiros na produção de trabalhos acadêmicos. Acreditamos que, focando no caso da Vila Brandão, além da possibilidade de oferecer um trabalho mais rico, também diminuiríamos os custos de produção, já que tanto a etapa de pesquisa quanto a de gravação de externas se dariam em um só lugar - reduzindo, ainda, o tempo de elaboração do trabalho.

Neste trabalho, pretendemos fazer um registro da comunidade em questão, num esforço para compreender os aspectos que dão unidade a esse movimento de resistência; como o sentimento de pertencimento ao lugar, de valores coletivos compartilhados, e a relação que os próprios membros da comunidade estabelecem entre o espaço e a noção de identidade. A intenção é, antes de tudo, conhecer a Vila, lançar luz sobre ela, dar voz aos membros da comunidade, fazer com que eles mesmos se apresentem e permitir que outras pessoas conheçam os muitos conflitos e pressões por eles enfrentados.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante o período de pesquisas e elaboração do projeto do documentário, fomos orientadas pelo professor Washington José de Souza Filho a consultar duas frentes básicas de bibliografia. Uma que contemplasse os aspectos técnicos, metodológicos e éticos que cercam uma produção audiovisual, outra que contribuísse para a reflexão sobre o contexto social e histórico em que se insere a Vila Brandão.

Com as primeiras leituras, buscamos referenciais teóricos que servissem de norteamento para a elaboração do documentário no que tange à linguagem cinematográfica, procedimentos de criação, métodos de trabalho, condições de realização, posturas éticas e opções estéticas. Já com a segunda frente bibliográfica, procuramos soluções para as questões que versam sobre formação de identidade individual e coletiva, assim como sobre os conflitos gerados pela conjuntura política e econômica na qual a comunidade em questão está inscrita.

5.1 A LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Como registramos anteriormente, a opção por desenvolver este trabalho na linguagem audiovisual ganhou corpo nos oito semestres em que freqüentamos a Universidade, quando aprofundamos o nosso conhecimento sobre as possibilidades oferecidas pela conjunção áudio/vídeo e amadurecemos o nosso interesse pelo assunto. Sabemos que, embora a afirmação justifique essa escolha, ela não esclarece os motivos pelos quais optamos pelo formato documentário.

Teoricamente, o formato documentário atendia uma das nossas principais expectativas com relação ao trabalho, a de que a Vila Brandão seria apresentada na voz dos próprios moradores, os atores sociais mais relevantes dessa história. Caso tivéssemos optado por uma grande reportagem, não poderíamos dispensar a presença de um narrador que, mesmo não aparecendo no vídeo, se faria presente através dos *offs*. Assim, idealizamos permitir, através deste documentário, um diálogo direto entre os moradores da Vila Brandão e os espectadores, dispensando a interferência de um narrador externo. Evitamos a presença de um narrador alheio à realidade da Vila Brandão porque temíamos que este viesse a se transformar em um terceiro personagem capaz de imprimir no discurso, ou seja, no *off*, interpretações sobre a comunidade que se distanciassem daquelas feitas pelos próprios moradores.

Alimentamos também a expectativa de que o vídeo fosse compreendido por meio da leitura que a própria comunidade faz da Vila Brandão. Entretanto, numa reportagem seria natural que respeitássemos um dos critérios imprescindíveis na atividade jornalística, a objetividade. Para tanto, precisaríamos buscar outras fontes capazes de contribuir com um olhar externo sobre a Vila Brandão, o que nos faria declinar do objetivo inicial, a saber, apresentar a comunidade sobre a ótica exclusiva dos moradores. Embora se trate de um projeto de conclusão para o curso de Jornalismo, este trabalho não deve ser analisado como um produto eminentemente jornalístico. É verdade que utilizamos técnicas próprias da atividade jornalística, como entrevistas, mas, nos distanciamos de padrões já estabelecidos pelo campo. A propósito, como já foi dito, extrapolamos uma regra simples da gramática jornalística, aquela que ordena a consulta de fontes que possam oferecer diferentes versões sobre um mesmo fato ou história. Além disso, uma reportagem limitaria a possibilidade de experimentar, durante as gravações e também na edição, planos e cortes que não se enquadrassem em padrões.

Justificado o motivo pelo qual optamos por desenvolver um documentário, recorremos a autores e obras que ofereceram os princípios norteadores deste trabalho. Inicialmente, a partir de um percurso histórico do documentário, buscamos respostas para as inquietações que afligem cineastas e estudiosos quanto à natureza desse formato, em busca de embasamento teórico para sustentar o projeto que tínhamos o interesse de desenvolver.

Através de textos e autores que criaram as bases para o estudo do cinema documental, tomamos consciência dos desafios que problematizam a delimitação do campo, e das tentativas frustradas de estabelecer as fronteiras do documentário, sempre negligenciando filmes que extrapolaram os padrões pré-estabelecidos e tornando ainda mais complexa a questão. De fato, no que tange à essência do documentário, os conceitos aos quais tivemos acesso comprovam a fluidez e também a elasticidade do gênero, como explica Da-Rin (2004), quando define o documentário como um dos grandes regimes cinematográficos.

Regimes que correspondem às principais fórmulas do cinema, cujas fronteiras são fluidas e incertas, mas são muito claras e bem desenhadas no seu centro de gravidade; é por isto que podem ser definidas em compreensão, não em extensão. Instituições mal definidas, mas, instituições plenas. (DA-RIN, 2004, p.18)

Segundo a estética do documentário clássico, seria próprio do filme documental a capacidade intrínseca de representação natural, ou seja, de transmitir a essência dos habitantes das localidades filmadas, elevando ao primeiro plano a conjuntura social. O que não poderia

ser esperado de uma produção ficcional, na qual os personagens são representados por atores profissionais que enfrentam constantes dificuldades para expressar a complexidade existencial de determinada formação sócio-cultural. No documentário, a rotina característica da localidade que se pretende registrar em filme é que dá ritmo à história, libertando a obra da necessidade de representações.

Princípios básicos. (2) Nós acreditamos que o ator original, ou nativo, e a cena original, ou natural, são os melhores guias para uma interpretação cinematográfica do mundo moderno. Eles proporcionaram ao cinema um imenso manancial. Eles lhe proporcionaram controle sobre mil e uma imagens. Eles lhe proporcionaram uma capacidade de interpretação sobre eventos do mundo real mais complexos e surpreendentes do que a imaginação do estúdio pode evocar ou o perito do estúdio recriar. (3) Nós acreditamos que os materiais e as histórias assim cruamente extraídas podem ser melhores (mais reais no sentido filosófico) do que o material atuado. (GRIESON, 1946, p. 49-80)

As obras consultadas contribuíram para que tivéssemos segurança em dispensar, durante a etapa de entrevistas e, conseqüentemente, da construção do documentário, personagens que não tivessem uma ligação direta com a comunidade. Antes de entrar em contato com os textos e autores, já tínhamos indicação do rumo que pretendíamos dar para o documentário, mas, não sabíamos se, na prática, seria possível executá-lo. Nessa fase, temíamos que os depoimentos dos personagens não dessem conta da realidade em que está incluída a Vila Brandão. As dúvidas cessaram quando compreendemos que uma das melhores formas de se apresentar determinada realidade, nos moldes de um documentário, é mostrá-la no que ela tem de mais característico. Seguindo essa linha de pensamento, tomar os moradores da Vila Brandão como narradores da própria história, seria atingir o que a comunidade tem de mais peculiar.

Para realizar este projeto, foi necessário tomar consciência das técnicas e metodologias de trabalho empregadas em documentários reconhecidos como referência de estilo e qualidade na filmografia brasileira. Desse modo, as realizações de outros diretores serviram como uma espécie de espelho, onde era possível refletir as expectativas com relação a esse trabalho. A filmografia permitiu o contato com estéticas variadas, novas possibilidades de roteiro, diferentes maneiras de conduzir entrevistas, opções de montagem e também de edição. Entre os grandes nomes do cinema nacional, podemos destacar a contribuição do documentarista Eduardo Coutinho no que diz respeito a uma abordagem inovadora das questões sociais brasileiras, que se caracteriza pela profundidade e também sensibilidade no tratamento de problemas e aspirações da grande maioria marginalizada, seja em favelas, no

sertão ou na boca do lixo. Nesse ponto, a obra de Coutinho se liga diretamente ao objetivo central desse documentário que é registrar as histórias da Vila Brandão, dando voz aos atores sociais ali presentes.

Vale ressaltar que, o fato de direcionarmos o documentário para retratar a realidade da Vila Brandão – uma comunidade carente de Salvador e, por isso, agregadora de problemas e conflitos – não significa que tivemos a pretensão de estetizar ou transformar em espetáculo os problemas e tensões enfrentados pelos moradores. Assim como Coutinho, temos consciência do cunho político do nosso projeto, mas não desejamos ser partidárias de uma causa. Lins (2004) chama atenção para esse aspecto da abordagem de Coutinho, desmitificando a crença na transposição do real para a imagem e na conformação com a crueldade e a injustiça do mundo.

O que esse pensamento expressa é um desejo de se esquivar das idealizações que impedem justamente uma aproximação mais efetiva com o que nos cerca. É um movimento que desloca teorias, crenças, interesses, preconceitos, pontos de vista prévios, sentimentos piedosos, culpas e toda sorte de clichês visuais e sonoros que aderem a nossa percepção e nos fazem acreditar que conhecemos o mundo. Trata-se de uma prática que se atém, na medida do possível, ao material oferecido pelo universo filmado [...] imprimindo aos filmes uma espécie de imanência radical, em que ética e estética se articulam de modo inextricável. (LINS, 2004, p.12).

É bom lembrar que, embora diversos indicativos e, inclusive, os depoimentos apontem que a comunidade da Vila é privilegiada em relação a muitas outras espalhadas pela cidade, os moradores continuam sofrendo com problemas crônicos que comprometem o bem-estar. Isto significa que, apesar de positivo, o documentário não se apresenta como uma farsa, ou seja, uma máscara que esconde os defeitos estruturais. Em suma, este produto não tem a pretensão de oferecer ao espectador uma interpretação pronta sobre a realidade em que a Vila Brandão está inscrita. O maior objetivo é, na verdade, oferecer a possibilidade de ver, ouvir e sentir, sem intermediações, a Vila Brandão.

Julgamos fundamentais esses referenciais teóricos para aprofundar nosso conhecimento sobre os fatores que envolvem a elaboração de um documentário, formato sob o qual esse trabalho se desenvolveu. Tendo avançado um primeiro passo no que tange a primeira frente teórica, é necessário seguir com algumas ponderações sobre pertencimento e identidade; além das tensões políticas existentes em torno da Vila Brandão, e do que ela representa por estar localizada em um dos pontos mais cobiçados e valorizados da terceira maior capital do país.

5.2 SALVADOR E SEUS CONTRASTES

Como consequência das diferenças econômicas, sociais, culturais e étnicas no território urbano, a segregação constitui uma das características mais marcantes das grandes cidades contemporâneas. A dinâmica de reestruturação produtiva implantada pela globalização tem acentuado esse fenômeno, afetando a conformação urbana das metrópoles e contribuindo para a consolidação de uma estrutura urbana desigual e segmentada. Ainda que as transformações geradas pela globalização não possam ser sentidas de forma homogênea nas diversas metrópoles do planeta, certas tendências são dominantes e podem ser detectadas facilmente. Entre elas: a queda demográfica das antigas áreas centrais e um forte crescimento para as bordas, prolongando a cidade para várias direções; a constituição de novas áreas de negócio fora do centro tradicional; a proliferação de empreendimentos de grande impacto, como edifícios empresariais, shoppings, centros empresariais e de convenções e hotéis de luxo; a mudança nos padrões habitacionais, a exemplo do crescimento de condomínios fechados. Para além das alterações estruturais na paisagem urbana, transformações sociais e políticas geram impactos na dinâmica metropolitana acentuando a concentração social e espacial da riqueza e da pobreza, “[...] com o aumento da auto-segregação dos ricos e do isolamento de pobres rodeados de pobres em espaços cada vez mais cristalizados e homogêneos, espaços marcados pela superposição de carências, pela vulnerabilidade social [...]”. (CARVALHO; PEREIRA, 2006, p. 85).

Dentro desse contexto, a Região Metropolitana de Salvador já nasce de uma crise de configuração desde sua criação em 1973, quando é recortada do Recôncavo e passa a ser definida por um conjunto de municípios, cujas principais relações deveriam ser funcionais e decorrentes dos novos projetos industriais para eles implementados. Entretanto, o que se verifica a partir de então é o desenvolvimento de contrastes: municípios ricos e populações pobres, extrema concentração de renda e generalização da pobreza, produção industrial agressiva paralela a ambientes naturais muito sensíveis, crescimento acelerado da produção em oposição a elevadas taxas de desemprego. As transformações do espaço urbano de Salvador ocorridas nessa década, a exemplo da construção de grandes empreendimentos públicos e privados, como a Av. Paralela, o Centro Administrativo da Bahia, a nova Estação Rodoviária e o Shopping Iguatemi, impulsionaram, nos anos subseqüentes, a consolidação de um novo centro urbano, direcionando a expansão da cidade no sentido da orla norte e contribuindo para o esvaziamento do centro tradicional.

Essas intervenções foram decisivas para a configuração de um novo padrão do espaço urbano da cidade dividido em três vetores: a orla marítima norte, o “miolo” e o subúrbio ferroviário, como explicam Carvalho e Pereira (2006).

O primeiro constitui a “área nobre” da cidade, local de moradia, serviços e lazer, onde se concentra a riqueza, os investimentos públicos, os equipamentos urbanos e os interesses da produção imobiliária. O segundo, localizado no centro geográfico do município, começou a ser ocupado pela implantação de conjuntos residências para a “classe média baixa” na fase áurea da produção imobiliária [...], tendo a sua expansão continuada por loteamentos populares e sucessivas invasões coletivas, com uma disponibilidade de equipamentos e serviços bastante restrita. Finalmente, o subúrbio ferroviário [...] transformou-se em uma das áreas mais carentes e problemáticas da cidade, concentrando uma população extremamente pobre e sendo marcada pela precariedade habitacional, pelas deficiências de infraestrutura e serviços básicos e, mais recentemente, por altos índices de violência. (CARVALHO; PEREIRA, 2006, p. 88)

Assim, as diferentes formas de ocupação do território urbano se firmaram, intensificando o surgimento da Salvador moderna, uma metrópole fragmentada e contraditória, na qual o sistema urbano é operado pelo aprofundamento das exclusões. Essa configuração acaba por revelar os efeitos da segregação sócio-espacial através dos dilemas econômicos, sociais, étnicos, institucionais e políticos que afloram na cidade. A segmentação urbana de Salvador reflete não apenas a divisão por níveis econômicos, mas é também acompanhada pelos indicadores sociais, como as taxas de analfabetismo, violência, saneamento básico, desemprego e moradia precária. Da mesma forma, como nos bairros denominados “nobres” há uma maior centralização de renda, também se concentram ali uma melhor infra-estrutura em termos de saneamento básico, urbanização e serviços para a população, como postos de saúde e transporte público; as menores taxas de analfabetismo e abandono escolar; a presença mais ostensiva de policiamento público e privado, diminuindo as taxas de violência. É também nas áreas mais privilegiadas economicamente que residem os grandes empresários, dirigentes de corporações e trabalhadores intelectuais e onde os índices de desemprego nas famílias são menores. Por outro lado, o miolo e, mais acentuadamente, o subúrbio reúnem os números mais alarmantes em termos de desemprego por família, moradia precária, pobreza e homicídios. Nessas regiões, a população continua a se aglomerar, subsistindo precariamente em uma Salvador desassistida.

Esse conjunto de fatores não só deixa evidente a segmentação e a segregação social de Salvador, onde realidades tão contraditórias se justapõem, como nos faz refletir sobre os rumos que a nossa cidade está delineando para o seu futuro enquanto metrópole regional.

Nesse contexto, faz-se necessário lançar luz sob o atual Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador aprovado em fevereiro de 2008, em meio a contradições e protestos de vários setores da sociedade civil. As críticas se deram, em parte, pela acusação de que o novo PDDU teria sido motivado pelas pressões do setor imobiliário e do trade turístico, ávidos por expandir seus negócios na capital. Por essa lógica, a Prefeitura Municipal estaria agindo a serviço de interesses privados e, em contrapartida, sem um compromisso maior com o interesse público. Por outro lado, e como consequência da forte influência da especulação imobiliária na concepção do projeto, o próprio modelo do plano diretor sofreu objeções no âmbito das modificações que imprimiria na paisagem e na estrutura da cidade, como indica Fernandes (2008) em artigo publicado no *Portal Terra*.

[...] não existe correlação entre infra-estrutura existente e projetada – redes de água, esgotos, drenagem, equipamentos públicos de saúde e educação, sistema de transportes públicos e sistema viário de suporte – para as áreas onde se propõe adensamento agudo da ocupação, a exemplo das já congestionadas áreas do Iguatemi, Paralela e mesmo do Retiro ou Orla Marítima. Da mesma maneira, para áreas designadas pelo próprio plano como ambientalmente sensíveis e, portanto, passíveis de uma ocupação com maior restrição, são propostos índices máximos de ocupação e de densificação. Podem-se pressupor, portanto, maiores graus de congestionamento de tráfego, de exaustão de infra-estrutura e de dilapidação do patrimônio natural nessas áreas. (FERNANDES, 2008)

De uma forma geral, o que se vê é um PDDU que adere, quase totalmente, a um modelo privatista de cidade, estimulando ainda mais a segmentação dos espaços e acentuando as desigualdades presentes, o que compromete seriamente as possibilidades de constituição de um espaço urbano mais generoso e inclusivo. Entretanto, a história, a complexidade e as contradições de uma grande cidade, como Salvador, para além de espaços de agonia, geram “espaços de esperança, onde as diferenças, a liberdade, os conflitos e o interesse comum trazem a possibilidade efetiva de construção de horizontes sociais alternativos” (CARVALHO; PEREIRA, 2006, p. 9). É nesse contexto de espaços de esperança em meio a espaços de agonia que acreditamos estar a Vila Brandão, uma comunidade pobre e ao mesmo tempo privilegiada, que obedece e resiste, simultaneamente, aos determinismos econômicos e sociais a ela impostos.

5.3 VILA BRANDÃO: 69 ANOS DE HISTÓRIA

À primeira vista, muitos diriam que naquela “invasão” viveria uma comunidade carente como tantas espalhadas por Salvador. Entretanto, desfrutando de uma das vistas mais privilegiadas da capital e fugindo da realidade imposta pelo estereótipo de favela, cerca de 300 pessoas constroem na Vila Brandão uma história particular e, certamente, desconhecida pela maioria dos moradores desta cidade. Localizada na encosta entre a Ladeira da Barra e a Baía de Todos os Santos, a Vila surgiu entre 1940¹, quando Antonio Florentino da Silva, conhecido como “Aguilhão” ocupou um terreno, onde construiu as primeiras casas que foram alugadas para famílias recém-chegadas do interior do estado. Foram essas poucas famílias que povoaram o local durante as gerações seguintes e, ainda hoje, constituem a maioria de seus habitantes. Muitos são os relatos de antigos moradores que descrevem as diversas atividades ali desenvolvidas, como a aldeia de pescadores e a criação de porcos.

Ocupando uma área valorizada da cidade, a Vila Brandão, ao longo desses 69 anos, conviveu com os benefícios e as contradições de coexistir com bairros abastados como Barra, Vitória e Graça. Ao mesmo tempo em que os moradores locais podem usufruir da bela vista e do mar da Baía de Todos os Santos, sofrem constantes ameaças de desapropriação por parte do Yatch Clube da Bahia, interessado em expandir seus domínios; se, por um lado, têm acesso a uma ampla rede de transporte, por outro, as compras são feitas em farmácias e padarias da região, direcionadas a pessoas de maior poder aquisitivo; e, enquanto arcam com altas taxas de iluminação, esgotamento e IPTU, são desassistidos pelos órgãos públicos no que diz respeito a saneamento básico, a coleta de lixo e, principalmente, a regularização da ocupação dos terrenos em questão.

Entretanto, mesmo padecendo dos mesmos problemas de estrutura e desigualdade presentes em muitas áreas carentes da cidade, talvez, o maior privilégio da Vila Brandão e o que a torna peculiar não seja a vista, a proximidade com o centro comercial e o acesso ao mar. Numa cidade, onde a mais perversa das conseqüências oriundas dos baixos níveis de desenvolvimento social é o crescimento alarmante da violência, não é de se admirar que uma comunidade se orgulhe tanto de possuir índices de criminalidade próximos a zero.

¹ A exatidão da data de fundação da Vila nos foge, pois não há documentos oficiais que registrem o evento. Os dados em questão foram resgatados em entrevista com os moradores locais.

Não são raros os depoimentos de moradores, os quais demonstram a consciência do privilégio de poder deixar os filhos brincar na rua, sair e chegar a qualquer hora sem maiores preocupações, possuir janelas sem grades e até, mesmo, se permitir ao descuido de dormir com a porta destrancada. Essa característica, aliada ao clima de interior predominante no local, onde quase todos se conhecessem e fazem parte das poucas famílias que ocuparam o terreno, torna a Vila Brandão, um lugar diferente, um “espaço de esperança” em meio caos urbano de Salvador, que tem atraído visitantes e turistas em busca de formas alternativas de vida e moradia.

5.4 QUESTÕES DE IDENTIDADE

Em uma das frentes de pesquisa desse trabalho, buscamos fontes bibliográficas que pudessem nos ajudar a compreender melhor as relações que uma determinada formação social, no caso a comunidade da Vila Brandão, pode estabelecer com o espaço. Sempre foi nosso interesse entender de que maneira essa interação poderia contribuir para a formação da identidade individual dos atores sociais envolvidos, bem como de uma identidade coletiva socialmente compartilhada.

Para executar esse projeto, buscamos respostas que nos ajudaram a compreender e também explicar a relação que os moradores da Vila Brandão estabeleceram com o espaço, no âmbito individual e coletivo. Foi nosso interesse entender de que maneira a identidade de impressa no território, aqui entendido como território-cultural, resultado da apropriação do espaço pelo imaginário coletivo e também pela identidade social dos que nele habitam. Por essa linha de pensamento, a relação da identidade com o território não é compreendida como um processo estático e só se constitui com o tempo, sendo caracterizada, principalmente, pelo sentimento de pertencimento dos indivíduos de um grupo com o espaço que compartilham.

Essa relação identidade-território toma forma de um processo em movimento, que se constitui ao longo do tempo tendo como principal elemento, o sentido de pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência. Esse sentimento de pertencer ao espaço em que se vive, de conceber o espaço como *locus* das práticas, onde se tem o enraizamento de uma complexa trama de sociabilidade é que dá a esse espaço o caráter de território (SOUZA; PEDON, 2007, p. 126).

O espaço território onde as relações intersociais se desenvolvem é também “um palco de ligações afetivas” que servem de base, inclusive, para a reprodução da vida, podendo

ser analisado pela relação habitante, identidade e lugar. Sendo assim, as dimensões simbólicas e culturais de um espaço o transformam em território que apresenta uma identidade própria criada pelos habitantes que dele se apropriam. Essa apropriação não se daria, necessariamente, pela questão da propriedade, mas, se expressaria por certa ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais compartilhadas pelos habitantes dessa formação.

O simples fato de vivermos em um espaço já nos identifica socialmente, reconhecendo-se nele um espaço vivido. Desta forma define-se a região como “espaço de identidade ideológico-cultural”, articulado em função de interesses específicos de classes que nele reconhece sua base territorial de reprodução. (SOUZA; PEDON, 2007, p. 131)

A apropriação do espaço, nesses moldes, pode ser detectada na Vila Brandão, onde, os moradores enxergam no espaço muito mais que um território. Eles se reconhecem enquanto comunidade que compartilha uma memória e também diversos valores, como segurança, relação com a vizinhança e com o mar.

Para tratar da relação entre espaço e identidade, é preciso analisar de que forma as práticas sociais são capazes de criar sentimentos de pertencimento e as chamadas “relações de enraizamento” (MARZULO, 2005, p.128) que, posteriormente, se mostram determinantes na configuração da identidade.

Sob essas condições, analisar as relações entre espaço e identidade social, a partir da indagação se o favelado existe enquanto identidade social, isto é, se afirma uma identidade sociologicamente relevante e, logo, com capacidade heurística para compreensão da estruturação da metrópole brasileira, desde um diálogo indireto com o nível compreensível do senso comum e com a representação social que conforma sua existência, apresenta-se como ponto de inflexão privilegiado. (MARZULO, 2005, p. 118)

Ainda segundo Marzulo (2005), o grupo que compartilha um território teria certa consciência de igualdade, formada a partir da comunicação que permite o reconhecimento de si no outro. Seria nesse ambiente que os atores sociais enquanto indivíduos criariam símbolos e se abririam para a diversidade, o que permitiria o desenvolvimento de uma identidade. Com base nessas afirmações, podemos justificar porque foi possível apresentar uma narração compreensível da Vila Brandão partido de discursos individuais.

Pois, ao mesmo tempo, os sujeitos das classes populares se identificam com a situação e posição social de seus iguais, independente da condição jurídica de configuração do território, dada suas semelhanças de condições, constituindo uma identidade social que ao nível da representação social se explicita pelo espaço. (MARZULO, 2005, p. 288)

Sendo assim, é válida a afirmação de que cada um dos personagens ofereceu ao trabalho subsídios para a construção de uma história coletiva e isso só foi possível porque todos eles comungavam diversas práticas, opiniões e sentimentos comuns sobre a Vila Brandão.

6 DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Como citado nesta memória, o nosso primeiro contato com a Vila Brandão se deu através de reportagens jornalísticas que noticiaram o decreto de desapropriação dos terrenos ocupados pela comunidade em questão. Com esse material em mãos, iniciamos uma pesquisa prévia para a elaboração do Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina COM 117 – Desenvolvimento Orientado de Projeto. Já durante essa primeira investigação junto aos órgãos competentes da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS), como a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente (SEDHAM), constatamos não haver nenhum registro oficial que datasse o início da ocupação daqueles terrenos. Essa constatação viria a ser confirmada, mais tarde, pela Associação de Moradores da Vila Brandão que, na ausência de dados oficiais, realizou um regaste histórico da Vila através dos depoimentos dos moradores mais antigos, recolhendo materiais, como fotos e carnês de impostos, na tentativa de juntar subsídios necessários para recorrer junto a Justiça contra o decreto de desapropriação.

Realizada a pesquisa prévia e diante da ausência de documentação oficial, fizemos algumas visitas iniciais a Vila Brandão para conversar com os moradores locais e sondar a viabilidade de realização do documentário. De fato, estávamos interessadas pela história em questão, mas, era fundamental verificar in loco aquela realidade, conhecer os possíveis personagens e investigar a veracidade de questões que até então se mostravam como hipóteses, a exemplo da ausência de violência no local. Já durante essas primeiras visitas, pudemos captar algumas peculiaridades da Vila Brandão, como a estreita convivência entre os vizinhos, o que confere ao local um aspecto de cidade de interior, assim como ocorre em bairros mais distantes da efervescente agitação dos centros, a exemplo da Ribeira. De imediato, contamos com o apoio da associação de moradores através da vice-presidente Petruska Araújo, que nos auxiliou na etapa de pré-produção do documentário, sugerindo moradores para entrevista e indicando outras fontes de pesquisa como blogs e comunidades no Orkut mantidos pelos próprios moradores. Também participamos de uma reunião da associação, na qual apresentamos o nosso projeto para os moradores presentes, convidando-os a contarem suas histórias durante as filmagens. Quando pensamos em fazer o documentário sobre a Vila, surgiram algumas preocupações no que dizia respeito à aceitação dos moradores, pois disso dependia a viabilidade do trabalho. Optamos, então, por deixar claro, desde as

primeiras visitas, o que estaríamos fazendo ali e qual era a intenção do nosso trabalho: um projeto experimental realizado por estudantes da Universidade Federal da Bahia e sem fins lucrativos. Para reforçar nossos argumentos, disponibilizamos para a associação um documento oficial da Faculdade assinado pelo nosso orientador, o professor Washington José de Souza Filho, atestando a finalidade do trabalho proposto. Durante a etapa das filmagens, constatamos a importância de termos cumprindo essas formalidades, pois, por vezes, enfrentamos resistência de algumas pessoas que questionavam o intuito do trabalho.

Ainda durante a elaboração do projeto do TCC, outra fase essencial para a concepção do documentário foi a de leituras bibliográficas. Como elucidado no tópico que trata sobre a fundamentação teórica, buscamos embasamento em fontes bibliográficas que, por um lado, nos fornecesse subsídio para uma melhor compreensão do contexto em que a Vila Brandão se insere e, por outro, nos assistisse no que diz respeito às questões técnicas, metodológicas e éticas do meio audiovisual.

6.2 ENTREVISTAS

Ao definirmos a escolha de não utilizar *off*, percebemos a importância que as entrevistas assumiriam no nosso trabalho, já que as sonoras gravadas seriam a base da narrativa a ser construída. Com o intuito de aproveitar melhor essas sonoras, depois da indicação de fontes feita pela associação de moradores, elaboramos um roteiro de perguntas e visitamos a Vila Brandão em dois fins de semana, que foram dedicados a entrevistas prévias registradas apenas com gravador de voz. Nossa intenção era pré-selecionar personagens e evitar imprevistos durante a gravação de externas, embora tivéssemos a consciência de que novos personagens poderiam surgir ao longo das filmagens, como, de fato, acabou acontecendo.

Durante a seleção dos personagens, optamos pela diversificação das fontes com a finalidade de tornar as sonoras mais ricas. Para resgatar o histórico da Vila, entrevistamos alguns dos moradores mais antigos da comunidade como Hercília Lopes, Edelzuíta Maria e Irineu Miguel dos Santos, conhecido como “Sergipe”. Essas sonoras se mostraram muito úteis para a compreensão de como os moradores foram instalando suas moradias, de que modo as famílias cresceram, como a infra-estrutura do lugar se modificou e de que maneira a convivência entre os vizinhos se consolidou. Já durante essas entrevistas, percebemos que a grande maioria dos habitantes pertencia às poucas e antigas famílias que se estabeleceram na Vila desde os primeiros anos de sua fundação e ali permaneceram perpetuando as gerações.

Entre as famílias em questão, exploramos principalmente os depoimentos dos familiares de Antonio Florentino da Silva, conhecido como “Agulhão”, o fundador da Vila Brandão. Pela qualidade técnica do som e das imagens e pelo rendimento do conteúdo das entrevistas, selecionamos as sonoras de Antonio Lázaro, o filho mais velho, e da segunda esposa, Margarida Sampaio da Silva.

Entre os moradores mais jovens, buscamos fontes que tivessem nascido e crescido na Vila na tentativa que resgatar as lembranças e estimular as expectativas sobre o futuro do local. Essas entrevistas se revelaram muito bem sucedidas tanto em termos técnicos quanto em conteúdo e pudemos aproveitar trechos das sonoras de quase todos os entrevistados. A única frustração foi a impossibilidade de utilizar o depoimento das crianças Rafaela e Pedro gravados enquanto pescavam ouriços. Devido à ausência de um microfone adequado para captação de áudio em ambientes com muito ruído, as sonoras colhidas à beira da praia tiveram que ser descartadas.

Compreendendo a importância de diversificar as visões sobre o lugar, procuramos fontes de moradores que não pertencesse às antigas famílias fundadoras da Vila Brandão. Logo na etapa de pesquisa, descobrimos que faziam parte desse grupo artistas, profissionais da área de produção cultural, pesquisadores acadêmicos, sendo muitos deles de outras nacionalidades. Na fase das externas, selecionamos para as entrevistas três personagens que já moravam há alguns anos na Vila e, por isso, possuíam informações mais consistentes sobre o lugar: o videomaker baiano Marcondes Dourado, a professora espanhola Laura Fresno e a dançarina uruguaia Jimena Hernández. Ainda no sentido de ampliar o leque de opiniões, entrevistamos também um ex-morador e um visitante da Vila.

Vale ressaltar, que apesar de termos sido bem recebidas pela maioria dos moradores durante os dias de gravação, também enfrentamos resistência de alguns e chegamos a passar por momentos de constrangimento quando algumas pessoas insinuaram a troca de dinheiro ou bebidas por seus depoimentos. Em vários momentos, a origem e o destino das gravações foram questionadas, o que é compreensível, por se tratar da utilização de imagem e voz alheias, e como forma de prestar contas à comunidade, entregamos à associação de moradores um ofício da UFBA explicitando a finalidade do trabalho. Diante dos questionamentos e comparações com programas populares locais como *Se Liga Bocão* e *Na Mira*, a nossa posição foi sempre tomada no sentido de explicar a intenção e a utilidade do documentário.

Nessa etapa, mais uma vez, os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Jornalismo nos foram muito úteis. Técnicas de entrevista vistas em disciplinas como Comunicação Jornalística, por exemplo, se mostraram fundamentais para elaborarmos e

executarmos as perguntas com clareza e exatidão e conduzirmos as entrevistas da melhor maneira, obtendo, assim, um bom aproveitamento das sonoras.

6.3 ROTEIRO

Como é comum em produtos audiovisuais, o roteiro pensado antes da execução desse filme foi apenas um esboço do contorno que a narrativa tomaria diante dos desafios e surpresas surgidas durante as gravações. Quando partimos para a gravação, a principal expectativa era de que a narrativa pudesse ser construída a partir das histórias contadas pela voz dos próprios personagens. Idealizamos um filme onde os personagens são, verdadeiramente, senhores da própria história e, para que isso fosse possível, excluimos a narração em *off* por um terceiro agente que não fizesse parte da comunidade, como citamos anteriormente. Essa decisão supervalorizou cada uma das entrevistas que, obrigatoriamente, deveriam oferecer ao produto um fio condutor à narração da história dos moradores e, conseqüentemente, da Vila Brandão. O fato de termos realizado entrevistas prévias para a seleção dos personagens otimizou o aproveitamento dos depoimentos que foram direcionados a cada personagem de acordo o tempo de permanência na Vila, a idade, a memória dos fatos importantes sobre a comunidade e a projeção com relação ao futuro.

Logo no primeiro dia de entrevistas, quando colhemos os depoimentos de Edelzuíta e também de Marcelo, percebemos que o olhar de cada um para a Vila Brandão mantinha relação direta com dois aspectos, a saber, idade e tempo de permanência na comunidade. Observamos também que, em vários momentos, o depoimento dos dois convergia para aspectos comuns que tratavam das principais características que, como eles mesmos afirmaram, dão identidade à Vila Brandão. Foi ponto pacífico nesses dois depoimentos e, para nossa surpresa, em muitos outros, que o significado da Vila Brandão para cada um dos personagens atravessa algumas peculiaridades do lugar, características essas citadas espontaneamente por cada um dos entrevistados. Ao identificarmos essas semelhanças, percebemos que estava marcado ali o rumo que a narrativa do vídeo iria tomar. Se o objetivo era apresentar a Vila Brandão no que ela tinha de mais importante, os depoimentos cumpriram satisfatoriamente o papel de peça chave, marcando, inclusive, a divisão da narrativa em temáticas específicas.

6.3.1 Histórico

Para todos os personagens, falar de Vila Brandão era tratar, em primeiro lugar, de uma comunidade que tem uma história a ser preservada e que vem sofrendo ameaças por conta dos privilégios que goza graças à localização privilegiada. Com certo orgulho, cada um deles narrou os pontos da história da Vila que havia presenciado, ou mesmo o que tinha ouvido dos moradores mais antigos. Chamou-nos atenção o fato de todos demonstrarem consciência de que são os “guardiões” dessa história que não consta em registros oficiais. É verdade que, nos primeiros minutos, o filme localiza historicamente o surgimento da comunidade, mas, o fato de estar dividido em subtemas, não impediu que, em cada um deles, a história da Vila Brandão se fizesse presente, porque esta transcende em todos os momentos na narrativa. Esse vídeo é toda história, porque apresenta, através do depoimento dos moradores, o presente, o passado e as perspectivas de futuro da Vila Brandão.

6.3.2 Segurança e comodidade

A segurança foi uma questão citada por todos os personagens que reconhecem na Vila Brandão um lugar pacífico. Comparando a Vila a outras comunidades, os entrevistados se consideraram privilegiados, porque estariam protegidos das tragédias causadas, principalmente, pelo tráfico de drogas. Em tempo, um levantamento informal realizado pela Associação de Moradores da Vila Brandão nas delegacias da região demonstrou que é praticamente zero o número de ocorrências registrado na comunidade, informação que, inclusive, a imprensa chegou a reproduzir. Enquanto tratavam do quesito segurança, os moradores apontaram a localização geográfica da comunidade como um fator que contribui para manter longe a violência. Com apenas uma entrada, que funciona também como saída, a Vila Brandão não teria rota de fuga, o que tornaria qualquer criminoso vulnerável às ações da polícia. Mas, segundo os moradores, para além da questão geográfica, o que mais contribui para o baixo índice de violência é a cultura preservada na comunidade, que protege as crianças e os jovens da má influência do tráfico. Outro benefício atribuído, nos depoimentos, à localização geográfica é que a comunidade fica muito próxima do centro da cidade, onde os moradores podem ter acesso, sem precisar utilizar transporte, a escolas, hospitais, ao comércio e também às oportunidades de emprego e lazer. É válido reforçar que os dados indicativos do baixo índice de violência na Vila Brandão apresentados no documentário também foram recolhidos pela Associação de Moradores junto à delegacia da Barra. No órgão, segundo a

Associação de Moradores, os únicos registros de ocorrências na Vila Brandão dão conta de atritos entre vizinhos, ou seja, conflitos comuns ao cotidiano de qualquer comunidade. Foi nessa informação e também nos depoimentos dos moradores que o presente trabalho se baseou para abordar o quesito segurança. Reafirmamos que a opção por não dar voz a fontes oficiais para ratificar essa informação foi totalmente consciente, pois, partimos do pressuposto de que a própria comunidade não teria motivo para mascarar a realidade do local. Deixamos claro que, a princípio, acreditamos sim na palavra dos moradores e lembramos também que a consulta de fontes externas descaracterizaria e, possivelmente, até inviabilizaria o trabalho, pela demanda de mais tempo e locações. Em suma, no presente trabalho, optamos por lidar com os moradores partindo do princípio da presunção da inocência e não da culpa. Não fosse essa relação de confiança, seria impossível a viabilização do documentário.

6.3.3 Relação com o mar

A proximidade com o mar foi também muito citada pelos moradores durante as entrevistas. Quando trataram desse assunto, os moradores enfatizaram o privilégio que é morar na Vila Brandão, onde há vista para o mar da janela de casa e também uma praia exclusiva, benefícios que, na maioria das vezes, só é concedido àqueles que podem pagar muito caro por eles. Muitos se emocionaram ao falar sobre a relação com o mar, a vista do nascer e pôr do sol, presentes que os sintonizam com a natureza. Alguns deles, inclusive, aprenderam a nadar e a pescar na praia da Vila Brandão. Chamou a nossa atenção, em especial, a familiaridade que a maioria dos moradores tem com a tábua das marés, desde crianças a adultos. Um dos momentos mais interessantes das gravações se deu quando tivemos a oportunidade de sair de barco para filmar a Vila do mar. Guiada por dois jovens, filho e neto de um pescador, a nossa equipe pode captar planos preciosos da Vila Brandão e da região em volta.

6.3.4 Vizinhança

Coincidiu em todos os depoimentos, a compreensão que cada um dos personagens tem sobre o contexto sócio-econômico no qual a Vila Brandão está localizada. Lúcidos de que a Vila Brandão é uma comunidade pobre localizada em uma das áreas mais valorizadas da cidade, os moradores apontaram as tensões que marcam o relacionamento com os vizinhos de classe média alta da Graça, da Barra e também da Vitória, alguns dos bairros mais nobres da

capital. Segundo os depoimentos, é esse contraste social que alimenta os ataques contra a comunidade, materializados em ameaças de desapropriação e também no pouco apreço por parte do poder público, que se omite e deixa de oferecer itens de necessidade básica, como saneamento básico, coleta de lixo, creche ou espaços de lazer.

6.3.5 Ameaça de desapropriação

É certo que a ameaça de desapropriação foi o fator motivador para a escolha da Vila Brandão como tema deste TCC. A partir da repercussão do decreto publicado em 20 de março do corrente ano ficamos sabendo da existência daquele lugar e nos interessamos em descobrir mais sobre a história da comunidade ali presente. Entretanto, na construção do roteiro, optamos por colocar a história da Vila em primeiro plano e, só depois, introduzimos o problema da desapropriação.

Quando questionados sobre essa possibilidade, os moradores foram enfáticos ao afirmar que não estavam dispostos a sair da Vila. Por um lado, têm consciência de que, mesmo sendo indenizados, não conseguiriam desfrutar dos mesmos privilégios que possuem na Vila Brandão. Por outro, temem o fim de uma comunidade, onde construíram suas vidas e onde estabeleceram seus laços de família e amizade. E foi dessa maneira que decidimos encerrar o vídeo, com os moradores reforçando o interesse de fazer o possível para preservar o local e projetando as perspectivas para o futuro. E eles são unânimes: querem permanecer no mesmo lugar e continuar escrevendo suas histórias na Vila Brandão.

6.4 NARRATIVA

A opção por dividir o roteiro em temas nos possibilitou construir uma narrativa clara e simples, embora nem sempre linear, que abordaria os principais aspectos acerca da Vila Brandão, como o seu histórico, a visão dos moradores sobre a segurança e a comodidade do lugar, a relação com o mar, a questão do decreto de desapropriação e, por fim, os desejos e perspectivas para o futuro. Com as sonoras selecionadas, nos restava criar alternativas que imprimissem ao vídeo a dinâmica desejada através de uma linguagem ágil e moderna. Para tal, utilizamos como inspiração desde documentários consagrados, como *O prisioneiro da Grade de Ferro* (2003), a trabalhos experimentais, como *Meninos da Cidade de Plástico* (2008), vídeo produzido por graduandos do curso de Jornalismo do Centro Universitário Jorge Amado como trabalho de conclusão de curso.

Três elementos foram fundamentais para a construção da narrativa nos moldes indicados: as cartelas, os clipes e a trilha sonora. A utilização das cartelas com textos se fez necessária devido a ausência de *off* no vídeo. Os dados além de substituírem uma possível narração, complementam as sonoras e contribuem para dar credibilidade ao trabalho, como no caso das reportagens impressas incluídas nas cartelas que abordam o decreto de desapropriação. Já a elaboração dos clipes funcionou tanto para marcar a passagem entre os diferentes temas do roteiro, quanto para explorar ao máximo as imagens feitas durante as externas. Aqui, vale chamar a atenção, em especial, para os clipes de abertura e encerramento do documentário. No primeiro, utilizamos apenas as vozes de alguns entrevistados cobertas por imagens da Vila Brandão. Nossa intenção era mostrar aos poucos a comunidade sem revelar, naquele momento, a identidade de quem falava. Como conteúdo, extraímos das sonoras as respostas das primeiras perguntas feitas nas entrevistas, referentes ao nome, idade e tempo na Vila Brandão. Dessas respostas também retiramos os créditos de cada personagem, colocando nas legendas o nome e o tempo de permanência na comunidade. No último clipe, uma vez que a identidade dos personagens já havia sido revelada durante o vídeo, optamos por mesclar imagens com sonoras. Como citado anteriormente, além das nossas próprias percepções construídas ao longo das visitas ao lugar, contamos com a bagagem acumulada durante do curso de Jornalismo, através do contato com bibliografia e filmografia específicas, e com a expertise técnica do cinegrafista e do editor de imagens contratados. Por fim, a escolha da trilha sonora contribuiu para o dinamismo da narrativa, imprimindo ritmo aos planos selecionados para os clipes. Contamos com a colaboração de um profissional da área de áudio, que combinou composições próprias a trilhas disponíveis em bancos virtuais de livre acesso e utilização. Ao não optarmos pela utilização de músicas consagradas e protegidas por direitos autorais, por um lado, temos a consciência de que arriscamos a aceitação da trilha escolhida diante do público espectador, mas por outro, abrimos caminho para a exibição do vídeo em festivais e nos meios de comunicação.

6.5 ASPECTOS TÉCNICOS

A Faculdade de Comunicação da UFBA criou as condições necessárias para o desenvolvimento deste trabalho. Primeiro, porque foi no espaço acadêmico que todas as idéias materializadas no vídeo amadureceram. Por meio das disciplinas regulares, oficinas, palestras e atividades práticas, a Facom nos possibilitou o acesso aos conhecimentos necessários para a formação de um bom profissional da área de Comunicação e foi nesse processo de

aprendizagem que ampliamos o nosso interesse pela linguagem audiovisual, o que acarretaria no desenvolvimento de um projeto desse gênero.

Após decidir pela elaboração de um vídeo, partimos para a avaliação das condições nas quais o produto seria desenvolvido. Projetamos o que seria necessário, como, equipamentos, amparo profissional, tempo e custo. Optamos por trabalhar com um cinegrafista particular, a quem tivémos que pagar, porque as gravações seriam realizadas nos fins de semana, quando teríamos tempo livre e Vila se encontraria mais movimentada. O cinegrafista escolhido, um profissional reconhecido no mercado local pelo trabalho desenvolvido na TVE Educativa da Bahia, viria a enriquecer o nosso produto com a técnica e a sensibilidade de quem está ambientado nas questões emergentes na cultura e na sociedade.

É importante dizer ainda que muitos dos cortes e planos presentes nesse documentário, para além de uma opção de linguagem, resultaram de limitações técnicas. Para que o microfone direcional que usamos não entrasse em quadro, por exemplo, precisamos fechar a lente na maioria dos depoimentos. Apesar do apreço com a qualidade das sonoras e imagens utilizadas no vídeo, em uma das sonoras, a de Marcondes Dourado, especificamente, decidimos utilizar um plano em que a câmara se movimenta e, momentaneamente, “suja” o quadro do entrevistado. Essa decisão foi tomada porque consideramos que a informação supera, em grau de importância, o problema técnico registrado na imagem, ou seja, o conteúdo estava acima da forma. Em alguns momentos, recorremos a outro tipo de microfone, lapela, que alugamos, mas, percebemos que este, apesar de aparecer discretamente no vídeo, capturava o som ambiente com uma intensidade que prejudicava a qualidade das entrevistas.

Depois de concluída a etapa de filmagem, avaliamos o material capturado e finalizamos o roteiro, que começou a ser esboçado antecipadamente, a partir do material preliminar obtido em cada um dos quatro dias de gravação. Para construir a narrativa a partir do depoimento dos personagens, foi imprescindível a transcrição, na íntegra, das mais de quatro horas de depoimento. Durante a transcrição, tivemos a oportunidade de enxergar com maior clareza os aspectos comuns às histórias individuais de cada um dos personagens e identificar os pontos nos quais estas se entrecruzavam com a história da Vila Brandão. Esse cuidado facilitou muito o momento da edição que transcorreu da maneira mais tranqüila e organizada possível. Sobre a edição, é importante registrar também que foi realizada à parte da Universidade. Para esta fase, escolhemos um profissional que atua no mercado de produtoras e tem no currículo dezenas de documentários. Foi graças à técnica do editor Bruno Pinheiro e também à tecnologia avançada do computador utilizado, que conseguimos editar e

finalizar o vídeo em apenas três dias, vantagens estas que tivemos de financiar com recursos próprios.

7 ASPECTOS CONCLUSIVOS

Comparando-se a proposta inicial que apresentamos à Universidade Federal da Bahia com o documentário pronto, temos a oportunidade de avaliar com maior clareza os caminhos que levaram ao alcance dos objetivos pré-estabelecidos. Em suma, retornando ao ponto de partida deste trabalho, temos condições de avaliar em que medida o produto final é fiel à idéia da qual se originou, a saber, compreender e documentar a relação estabelecida entre os moradores da Vila Brandão e o espaço; reconstruir a história da comunidade por meio dos depoimentos dos moradores; compreender a maneira como os membros da Vila Brandão interpretam a conjuntura sócio-econômica na qual estão inseridos e delinear a atmosfera que paira sobre o contexto de permanência de uma comunidade carente em uma das áreas mais nobres da capital.

Diante do trabalho finalizado, acreditamos que o nosso esforço foi recompensado, uma vez que o produto responde a muitas das expectativas sobre ele lançadas. Se o objetivo era permitir que os moradores da Vila Brandão fossem narradores da própria história, fizemos o possível para absorver, de cada personagem, uma interpretação sobre a comunidade; e o melhor foi constatar que todos os depoimentos se encaixavam de alguma forma, ou seja, se comportavam como peças de um mesmo quebra-cabeça. Graças a esse pontos em comum nos discursos, foi possível construir, a partir de depoimentos individuais, uma narração que desse conta da história coletiva e atendesse a nossa proposta inicial.

Quanto ao interesse de oferecer à Vila Brandão e também a Salvador um registro que, até o presente momento, é negligenciado pela historiografia oficial, pensamos que a conclusão do projeto, bem como a possibilidade de colocá-lo à disposição dos moradores e de toda a cidade, atende a esse objetivo. Entretanto, reconhecemos que este projeto é bastante modesto diante das múltiplas possibilidades de interpretações acerca da Vila Brandão.

No que diz respeito à interpretação que os próprios moradores da Vila têm sobre a realidade na qual estão inseridos, fomos surpreendidas na maioria das entrevistas pelo despojamento com que os personagens tratavam as questões que atingem diretamente a comunidade. Quando estimulados a falar sobre os temas relacionados à Vila, como o estilo de vida da comunidade, a segurança, o mar e a desigualdade social, a maioria dos entrevistados ofereceu respostas lúcidas e bem fundamentadas sobre a conjuntura sócio-econômica na qual a comunidade está imersa. Longe de demonstrar passividade diante das ameaças que a reconfiguração do espaço urbano pode representar para a Vila Brandão, seus moradores evidenciaram que sabem se defender democraticamente nos planos do discurso e da prática.

Mesmo à época da ameaça mais severa feita à existência da comunidade, quando o prefeito João Henrique Carneiro assinou o decreto de desapropriação, os habitantes da Vila Brandão não realizaram protestos que extrapolaram o limite da civilidade. Ao contrário, se organizaram e buscaram reforços em meio à sociedade civil organizada, convidando políticos, artistas, professores e os cidadãos soteropolitanos de uma forma geral para um debate amplo sobre os problemas que estavam enfrentando. E foi através desse apelo que nos aproximamos de tal realidade e nos interessamos pela história da Vila Brandão.

Com o explícito desejo de lançar luz sob aquela comunidade, por vezes, esquecida pela historiografia oficial, mas, sem a pretensão de transformar a realidade local, acreditamos estar contribuindo para a preservação da memória da Vila Brandão, memória essa que é parte integrante da história de Salvador. Enquanto finalizamos o nosso trabalho, temos a consciência de que os 300 moradores locais ainda se confrontam com os dilemas crônicos apresentados no documentário. Entretanto, ao menos, no que diz respeito à negligência por parte dos poderes públicos, o cenário indica mudança. No dia 27 de outubro de 2009, a Câmara Municipal de Salvador aprovou o projeto da vereadora Olívia Santana, do PCdoB, que reconhece a Vila Brandão como Zona Especial de Interesse Social. Até a data de finalização desta memória (16/11/2009), o projeto aguardava sanção do prefeito João Henrique Carneiro para garantir a permanência dos moradores no local.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Felipe. **Vila Brandão será desapropriada pela prefeitura**. Correio, Salvador, 20 mar. 2009. Disponível em: <<http://correio24horas.globo.com/noticias/noticia.asp?codigo=21653&mdl=29>>. Acesso: 16 de nov. 2009.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (orgs.). **Como anda Salvador e sua região metropolitana**. Salvador: EDUFBA, 2006.

DAMASCENO, Diego. **A última geração da Vila?** A Tarde, Caderno Dez, 12 maio 2009.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: Tradição e Transformação do Documentário Cinematográfico**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

EDÍFICIO Master. Produção de Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. Direção de Eduardo Coutinho. Brasil: Videofilmes, 2002. Documentário, 110 minutos.

FERNANDES, Ana. Salvador - PDDU 2008: Agonia do Espaço Público. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2705302-EI6578,00.html>>. Acesso em: 16 nov. 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2007.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Francis, 2006.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LUBISCO, Nídia; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico: Monografias, Dissertações e Teses**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MÃES, Filhos e Cárcere: o nascimento atrás das grades. Direção e produção de Jorge Gauthier. Salvador: LTV UFBA, 2009. Documentário, 21 minutos.

MARZULO, Eber Pires. **Espaço dos pobres: Identidade Social e Territorialidade da Modernidade Tardia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Disponível em: <http://teses.ufrj.br/IPPUR_D/EberPiresMarzulo.pdf>.

MENINOS da Cidade de Plástico. Direção e produção de Alanna Freitas, Maiana Miranda e Mateus Borges Brasil. Salvador: Centro Universitário Jorge Amado, 2009. Documentário, 28 minutos.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

O PRISIONEIRO da grade de ferro: auto-retratos. Direção de Paulo Sacramento. Brasil: Califórnia Filmes, 2003. Documentário, 124 minutos.

PATI, o que vale esse povo? Direção e produção de Denise Santos e Sophia Midian. Brasil: LTV UESB, 2005. Documentário, 21 minutos.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SOUZA, Angela Gordilho. **Limites do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2000.

SOUZA, Etevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. **Território e identidade**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Três Lagoas, 2007. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/revista-geo/artigo6_EdevaldoS._e_NelsonP..pdf>. Acesso em: 16 nov. 2009.

ANEXOS

ANEXO B - ORÇAMENTO

MATERIAL/SERVIÇO	VALOR
Diárias do cinegrafista	R\$ 350,00
Fitas Mini DV	R\$ 120,00
Microfone lapela	R\$ 90,00
Alimentação	R\$ 100,00
Edição	R\$ 600,00
Rebatedor de isopor	R\$ 5,00
Impressão da capa dos DVDs	R\$ 20,00
Normatização da Memória	R\$ 100,00
TOTAL	R\$ 1.385,00

ANEXO C - ROTEIRO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**DIREÇÃO:
ERIKA AMORIM E
MICHELE PINHEIRO**

**TEMPO:
20 MINUTOS**

**ROTEIRO:
DOCUMENTÁRIO: VILA BRANDÃO**

Fade in	1”	
Claquete Direção: Erika Amorim e Michele Pinheiro Tempo: 20 min. 2009.2 FACOM – UFBA Fade out	5”	
Imagem Crianças jogam futebol no contra luz	10”	“Meu nome é Juliana...”
Imagem Mar, no contra luz	7”	“Meu nome é Maurício...”
Imagem Jogo de futebol	10”	“Eu tenho 61 anos...”
Imagem Cruz da praça / primeiro plano	5”	“Meu nome é Hélio...”
Imagem Praia e banhistas	6”	“Meu nome é Sara...”
Imagem Churrasco	8”	“Eu nasci aqui...”
Imagem Praça	6”	“Meu nome é Marcondes...”
Imagem / SOBE SOM Sobreposição de imagens da Vila Brandão	30”	TEC - Referência: Instrumental
Claquete Fade in	17”	TEC - Música

Vila Brandão Fade out TEC – Fade in		Referência: instrumental
SOBE SOM Imagem de dona Margarida olhando o mar	8”	“Meu nome é Margarida Sampaio...”
Sonora: Margarida Sampaio GC: Margarida Sampaio 43 anos na Vila Brandão FITA 5 TC 00: 45:15 – 00: 00:46:00	45”	“Porque comecei a namorar...”.
Sonora: Arnaldo Lázaro da Silva GC: Arnaldo Lázaro da Silva Filho de Antônio “Aguilhão” FITA 2 TC 00:00:50:00 – 00:00:51:00	40”	“Conduzia na base do chicote do coronel...”
SOBE SOM	12”	“Eu vim aqui com o meu filho mais velho”
Sonora: Hercília Lopes GC: Hercília Lopes Mais de 50 anos na Vila FITA 5 TC 00:00:35:18 – 00:00:35:50	5”	“Nós caminhava...”
FADE IN Claquete A Vila Brandão surgiu entre 1939 e 1940, localizada entre a Ladeira da Barra e a Baía de todos os Santos	9”	Música Instrumental
Efeito Sobreposição de imagens que mostram o cotidiano da comunidade	20”	Música Instrumental
Sonora: Rita Souza GC: Rita Souza 17 anos na Vila FITA 4 TC 00:12:38 – 00:13:00:00	25”	“A única coisa que a gente tem...”
Sonora: Jimena Hernández		

GC: Jimena Hernández 5anos na Vila FITA 3 TC 00:29:14 – 00:29:25:00	6”	“As pessoas são mais unidas...”
Sonora: Laura Frezno GC: Laura Frezno 2 anos na Vila FITA 2 TC 00:14:15 – 00:15:05	40”	“Pela tranquilidade, primeiro...”
Sonora: Sara Rodrigues GC: Sara Rodrigues 21 anos na Vila FITA 4 TC 00:42:20 – 00:42:40	20”	“Um lugar calmo, tranquilo...”
FADE IN CLIP IMAGENS DE CRIANÇAS FADE OUT	25”	Música Instrumental / capoeira
Sonora: Marcondes Dourado GC: Marcondes Dourado 7 anos na Vila FITA 3 TC 00:40:00 – 00:42:09	35”	“Uma coincidência me trouxe...”
Sonora: Rita Souza GC: já creditado FITA 4 TC 00:12:38 – 00:13:00:00	18”	“Você mora perto do Campo Grande...”
Sonora: Marcelo Rodrigues GC: Marcelo Rodrigues 15 anos na Vila FITA 1 TC 00:12:00 – 00:13:00:00	23”	“Carnaval, nós podemos escolher...”
Sonora: Juliana Alves GC: Juliana Alves 23 anos na Vila FITA 4 TC 00:04:00 – 00:06:00:00	19”	“E fora que pra trabalho...”
Sonora: Hélio Alves GC: Hélio Alves Ex- morador da Vila	13”	“Aqui o que a gente sempre teve de diferente...”

<p>FITA 3 TC 00:02:00 – 00:06:00:00</p> <p>Sonora: Guaraci da Boa Morte GC: Guaraci da Boa Morte 18 anos na Vila</p>	18”	“Isso aqui pra mim é tudo...”
<p>FITA 4 TC 00:08:00 – 00:10:00:00</p> <p>Sonora: Edelzuíta Maria GC: Edelzuíta Maria 32 anos na Vila</p>	15”	“Um lugar tranquilo...”
<p>FITA 1 TC 00:38:00 – 00:42:00:00</p> <p>Sonora: Sara Rodrigues GC: já creditado</p>		“Aqui não tem roubo, não tem assalto...”
<p>FITA 4 TC 00:37:00 – 00:41:00:00</p> <p>Sonora: Juliana Alves GC: já creditado</p>	11”	“Eu sempre que eu posso falar...”
<p>FADE IN CLIP / MAR IMAGENS DO MAR</p>	30”	“Trilha Instrumental”
<p>Sonora: Margarida Sampaio GC: já creditado</p> <p>FITA 5 TC 00: 47:18 – 00: 00:48:00</p>	16”	“Chego aí, mesmo com tanta coisa...”
<p>Sonora: Rita Souza GC: já creditado</p> <p>FITA 4 TC 00:12:38 – 00:13:00:00</p>		“Eu, principalmente, você já viu...”
<p>Sonora: Maurício Sampaio GC: Maurício Sampaio 19 anos na Vila</p> <p>FITA 4 TC 00:31:38 – 00:33:00:00</p>	23”	“Total energia, aqui a gente fica...”
<p>Sonora: William dos Santos GC: William dos Santos</p> <p>FITA 5</p>	16”	“Meu pai é pescador, eu fui criado”

TC 00:16:27 – 00:18:00:00 Sonora: Hélio Alves GC: já creditado FITA 3 TC 00:02:00 – 00:06:00:00	14”	“Aqui, eu aprendi a mergulhar...”
Sonora: Fabiano Neves GC: visitante da Vila FITA 4 TC 00:53:00 – 00:55:00:00	18”	“O interessante aqui da Brandão”
Sonora: Laura Frezno GC: já creditado FITA 2 TC 00:14:15 – 00:15:05	19”	“Os meninos, quando eu desço...”
FADE IN CLIP / CONTRASTE SOCIAL	30”	Música instrumental Referência: rock
Sonora: Marcelo Rodrigues GC: já creditado FITA 1 TC 00:12:00 – 00:13:00:00	14”	“Não vou dizer que seja ...”
Sonora: Rita Souza GC: já creditado FITA 4 TC 00:12:38 – 00:13:00:00	17”	“É como a gente sabe...”
Sonora: Juliana Alves GC: já creditado FITA 4 TC 00:04:00 – 00:06	21”	“Eu tenho certeza que eles...”
CLAQUETE Em 20 de março de 2009, a prefeitura de Salvador decretou a desapropriação de várias áreas da orla da cidade em cumprimento às diretrizes estabelecidas pelo PDDU. Entre elas estava a Vila Brandão.	10”	Música instrumental
FADE IN Imagens de reportagens FADE OUT	12”	“Música instrumental”
Sonora: Hercília Lopes	14”	“Porque aqui é uma área bonita...”

GC: Hercília Lopes Já creditado FITA 5 TC 00:00:35:18 – 00:00:35:50		
Sonora: Edelzuíta Maria GC: Edelzuíta Maria Já creditado FITA 1 TC 00:38:00 – 00:42:00:00	16”	“Chorava eu...”
Sonora: Sara Rodrigues GC: já creditado FITA 4 TC 00:37:00 – 00:41:00:00	27”	”Tentam tirar, mas, não vão conseguir...”
Sonora: Juliana Alves GC: já creditado FITA 4 TC 00:04:00 – 00:06	35”	“A gente nunca imaginou...”
Sonora: Marcondes Dourado GC: já creditado FITA 3 TC 00:40:00 – 00:42:09	38”	“Acho que a questão é concreta...”
Sonora: Laura Frezno GC: Já creditado FITA 2 TC 00:14:15 – 00:15:05	27”	“Eu acho que ficar escondido...”
Sonora: Marcondes Dourado GC: já creditado FITA 3 TC 00:40:00 – 00:42:09	17”	“O que é possível comprar depois...”
Sonora / sobe som: Juliana Alves GC: já creditado FITA 4 TC 00:04:00 – 00:06	12”	“A gente tem toda a nossa vida...” Música instrumental
Sonora / sobe som: Marcelo Rodrigues GC: já creditado FITA 1 TC 00:12:00 – 00:13:00:00	15”	“Ia ser muito triste...” Música instrumental
Sonora / Sobe som: Maurício Sampaio GC: já creditado FITA 4	13”	“É muito agradável morar aqui...” Música instrumental

<p>TC 00:31:38 – 00:33:00:00</p> <p>Sonora / Sobe som: Hélio Alves GC: já creditado FITA 3 TC 00:02:00 – 00:06:00:00</p> <p>Sonora / Sobe som: Juliana Alves GC: já creditado FITA 4 TC 00:04:00 – 00:06</p> <p>Sonora / Sobe som: Sara Rodrigues GC: já creditado FITA 4 TC 00:37:00 – 00:41:00:00</p> <p>CLAQUETE No dia 27 de outubro de 2009, a câmara municipal de Salvador aprovou o projeto aprovou o projeto da vereadora Olívia Santana que reconhece a Vila Brandão como zona de interesse social. Até a data de finalização do documentário (12/11/2009), o projeto aguardava a sanção do prefeito João Henrique Carneiro para garantir a permanência da Comunidade no local.</p> <p>Créditos Finais / Baixa Som</p> <p>Trabalho de Conclusão do curso de Jornalismo</p> <p>Faculdade de Comunicação UFBA – 2009.2</p> <p>Orientação Prof Washington José de Souza Filho</p> <p>Produção e Roteiro Erika Amorim e Michele Pinheiro</p> <p>Imagens Denílson Mota</p> <p>Edição e Finalização Bruno Pinheiro</p> <p>Trilha Sonora Carlos Marcelino</p>	<p>15”</p> <p>13”</p> <p>11”</p> <p>12”</p> <p>1’</p>	<p>“Tudo na minha vida...” Música instrumental</p> <p>“Minha mãe nasceu aqui...” Música instrumental</p> <p>“Eu mesma, que vou ter um filho...” Música instrumental</p> <p>SOM AMBIENTE / “Tome Dalila”</p>
---	---	---

<p>Agradecimentos Moradores da Vila Brandão Rodrigo Fiúza Lis Nogueira</p> <p>Realização Laboratório de Televisão e Vídeo FACOM – UFBA</p> <p>FADE OUT</p>		
--	--	--